



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

MARIANA ALVES LOPES

HISTÓRIAS DE VIDA E AFETIVIDADE NA ARTE EDUCAÇÃO

Brasília

2017

MARIANA ALVES LOPES

HISTÓRIAS DE VIDA E AFETIVIDADE NA ARTE EDUCAÇÃO

Trabalho apresentado ao curso de Graduação em Artes Plásticas do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura.

Brasília

2017

Universidade de Brasília (UnB)

Instituto de Artes (IdA) Programa de Pós-Graduação em Arte (PPG-Arte) Licenciatura
em Artes Plásticas

Banca examinadora composta por:

Profa. Dra. Lisa Minari Hargreaves (Presidente)

Profa. Dra. Andrea Campos de Sá (Examinadora)

Profa. Ma. Tatiana Duarte Menezes (Examinadora)

Endereço: Universidade de Brasília. Campus Universitário Darcy Ribeiro – Asa Norte.
Brasília – DF – Brasil. CEP 70910-900. Site: <<http://www.ida.unb.br>>.

MARIANA ALVES LOPES

HISTÓRIAS DE VIDA E AFETIVIDADE NA ARTE EDUCAÇÃO

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Artes Plásticas do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília – UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado.

Banca Examinadora:

Brasília - DF, 7 de Dezembro de 2017.

Profa. Dra. Lisa Minari Hargreaves

IDA/UnB - Orientadora

Profa. Dra. Andrea Campos de Sá

IDA/UnB - Membro

Profa. Ma. Tatiana Duarte Menezes

IDA/ UnB – Membro

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai, por ter dado apoio e força para que eu concluísse o curso de Artes Visuais. Também a minha avó Nilda, familiares que estão sempre por perto dando auxílio, a minha amiga Veruska e ao meu companheiro Gabriel, que está sempre ao meu lado.

Agradeço a minha orientadora Lisa Minari e todas as suas ideias sensíveis e humanitárias. Se não fosse por ela, não teria percebido várias das possibilidades que existem dentro do campo da licenciatura em Artes.

Agradeço a minha busca pelo autoconhecimento, que me leva para caminhos mais amorosos e que trazem mais sentido para minha vida, bem como o bem-estar que o yoga e ayurveda me trouxeram.

Também agradeço ao meu amigo Fernando, que me inspirou, me apoiou e me deu a graça de participar desse TCC comigo, fazendo com que tudo se realizasse de maneira mais leve e tranquila.

Agradeço a professora Cláudia, que ministra aulas de artes na escola Meninos e Meninas do Parque, pelo o seu carinho e atenção. Pude aprender muito com ela e com a sua maneira de ver a vida. Também agradeço infinitamente a escola, seus diretores e principalmente aos alunos. Pessoas incríveis que possuem grande força de vontade e vigor.

Agradeço aos professores que muito me ensinaram na UNB, e a todas as matérias que tive o prazer de cursar.

E por fim agradeço a vida, pela possibilidade de estar encerrando este ciclo, com muita alegria.

RESUMO

Envolvida e inspirada pela amorosidade e proximidade com que as professoras tratavam os alunos nos estágios em que fiz, dei continuidade as minhas vivências ministrando uma oficina sobre histórias de vida e arte-educação na Escola Meninos e Meninas do Parque para desenvolver um trabalho de produção de obras de arte a partir dessas memórias e histórias. Essa oficina foi feita em dupla, por mim e pelo Fernando, meu amigo de curso, já que tanto eu quanto ele fomos estagiários dessa mesma escola durante o curso de Licenciatura em Artes Visuais.

O objetivo principal da oficina foi compreender a importância da afetividade na arte-educação por meio das histórias de vida. O foco da aula que ministramos foi escutar os alunos presentes na sala, ouvindo sobre suas histórias, suas memórias, seu cotidiano e seus sentimentos e mostrar como isso pode auxiliar na produção de uma obra de Arte bem como no desenvolvimento dos alunos na escola. Assim poderíamos ministrar uma aula mais democrática com base no afeto e na receptividade.

O fato de abrirmos espaço para que os alunos trouxessem suas subjetividades e expressões existenciais para a aula fez com que eles abrissem novas possibilidades de criação. Fazer uma ponte entre a matéria que é ofertada na sala de aula e a vida dos estudantes é dar mais sentido aquilo que é aprendido. Levamos a impressão de pinturas de alguns artistas que trabalharam com autorretrato, memórias e autobiografia como Frida Kahlo, Van Gogh e Renato Russo e falamos também das histórias relativas a cada um. Este trabalho será então, uma narração, tanto das histórias contadas pelos alunos, quanto as minhas próprias e da oficina ministrada por nós.

Palavras chaves: afetividade, histórias de vida, arte-educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Capítulo 1 - Minha história de vida	11
Capítulo 2 – Fernando	13
Capítulo 3 - A Escola	15
Capítulo 4 - A Sala de Artes	17
Capítulo 5 - A Professora	18
Capítulo 6 - Os alunos.....	20
Capítulo 7 - A oficina.....	21
Capítulo 8 - Memórias, Histórias e experiências... ..	27
Capítulo 9 – Daniel	29
Capítulo 10 - Damião	30
Capítulo 11 – Keli	31
Capítulo 12 - Ailton	32
Capítulo 13 - Isaías.....	34
Capítulo 14 - Ricardo	35
Capítulo 15 - Salestiano	36
Capítulo 16 - Fernando.....	37
Considerações finais.....	38
Referências Bibliográficas	39

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mariana Alves Lopes. Arte em mim.	12
Figura 2 - A sensibilidade do Fernando.	13
Figura 3 - A escola Meninos e Meninas do Parque.	16
Figura 4 - A sala de Artes. Projeto.	17
Figura 5 - A sala de Artes. Oficina.	17
Figura 6 - Retratos dos alunos de Cláudia.	18
Figura 7 - A turma unida.	19
Figura 8 - Diego en mi pensamiento (1943) / Banco de Mexico Diego Rivera. Frida Kahlo Museums.	21
Figura 9 - Autorretrato com a Orelha Cortada.	21
Figura 10 - Quarto em Arles (1888). Vincent van Gogh.	22
Figura 11 - Fazendo arte.	24
Figura 12 - A oficina.	26
Figura 13 - Memórias.	28
Figura 14 - A paz de Daniel.	29
Figura 15 - O trabalho e morada de Damião.	30
Figura 16 - A nova Keli.	31
Figura 17 - "Qualquer vício é uma fraqueza." (Ailton).	33
Figura 18 - A árvore de Isaias.	34
Figura 19 - Percurso do Ricardo.	35
Figura 20 - A caixa d'água de Salestiano.	36
Figura 21 - O descanso de Fernando.	37

INTRODUÇÃO

No primeiro estágio obrigatório que fiz, participei das aulas da professora Joelma, no Gisno. Desde o primeiro encontro, já pude perceber o quanto ela era receptiva aos alunos e ao mesmo tempo muito envolvida com suas vidas fora da escola. Os alunos nas aulas de artes sempre comentavam algo que tinha acontecido durante os dias deles, falavam sobre o que tinha ocorrido na semana passada, ou até mesmo de algo mais antigo relativo à sua infância. Muitas vezes durante o ensino de alguma matéria a professora lembrava uma situação que sabia estar ocorrendo na vida de um dos alunos para associar o fato à disciplina. A confiança na professora era tanta, que muitas vezes os adolescentes contavam sobre o porquê de algum deles não estar frequentando as aulas mesmo quando este motivo era algo confidencial ou muito pessoal. Também ao entregar as notas ou provas, Joelma perguntava sobre um assunto específico na vida de seus alunos, para saber se o menor desempenho tinha algum envolvimento com aquele fator.

Tudo isso me fez perceber o quanto eu também sempre associei fatos da minha vida com o meu próprio processo de aprendizagem, percebi o quanto poderia facilitar a vida dos estudantes se nas aulas houvessem espaços para que eles fizessem pontes entre as suas histórias de vida e as matérias que aprendem na escola. A turma no Gisno possuía uma quantidade pequena de alunos, eram no máximo 15 por aula, e isso facilitava a aproximação entre eles e a professora, assim ficava mais fácil para ela saber claramente quem era cada um deles.

O segundo estágio que fiz foi na Escola de Meninos e Meninas do parque, com a professora Cláudia. Lá acontece a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e é uma escola que atende em sua maioria, estudantes que estão em situação de rua. A sala de aula conta com poucos alunos, que vão por sentir realmente muita vontade de estar ali. As aulas da professora Cláudia, contam também com uma grande receptividade aos alunos e às suas histórias de vida. Ela sabe muito de cada um deles ao mesmo tempo que eles gostam muito de contar as suas vivências, vitórias e dificuldades. A maioria dos trabalhos de arte produzidos tem conexão com o dia-a-dia dos estudantes. Quando não, tem conexões com sonhos e lembranças. Muitos dos alunos por lá, dizem que encontraram na educação escolar a base para buscarem uma vida mais digna e saírem dos vícios.

A partir dessas experiências escolares e ao entrar em contato com vidas tão diferentes da minha, surgiu em mim o interesse em fazer uma oficina voltada para essas histórias pessoais

associadas a uma produção artística e ao ensino das Artes, para assim fazer o meu trabalho de conclusão de curso. Essa oficina foi feita então, na Escola de Meninos e Meninas do Parque.

Capítulo 1 - Minha história de vida

Desde nova eu tive muito interesse pelo oculto, pelos mistérios da existência, pelas histórias de vida e sentimentos alheios. Durante quase toda a minha infância e adolescência minha mãe teve uma depressão severa, até que aos meus 20 anos de idade ela veio a falecer. Por eu ter tido um contato muito profundo com essa tristeza, sempre busquei meios que pudessem trazer a cura para esses distúrbios emocionais ou meios para aliviar a dor, tanto a minha quanto a dos outros. Como também busquei explicações para as desigualdades e supostas injustiças do mundo. Meu primeiro contato com essa “cura” foi pelo Yoga, pela respiração, a consciência corporal e seus ensinamentos. Mas caminhei por outras doutrinas e religiões, como por exemplo pelo uso da ayahuasca em rituais de cura. Uma medicina indígena conhecida como o vinho das almas, utilizadas pelos pajés para curar doenças físicas e também espirituais. Também conhecida como uma planta professora, que nos ensina e ilumina o caminho. Aqui no Brasil chamada também como Santo Daime.

Existem muitos artistas, principalmente no Peru, na Colômbia e no México que a utilizam como inspiração para sua arte. Também passei pelo Espiritismo, umbanda e tomei muitos banhos de ervas no Candomblé, onde o resgate da minha ancestralidade negra me trouxe fé e magia, desde os jogos de búzios até suas lendas e Orixás. Assim que pude fiz cursos sobre medicina Oriental. Hoje sou instrutora de Yoga, terapeuta Ayurveda e massoterapeuta, me sinto feliz e de certa forma realizada, mas ainda não posso compreender tudo o que me cerca, e talvez nunca poderei.

Apesar de sempre ter estudado em escolas particulares e viver no Plano Piloto, as pessoas e amigos da minha intimidade na maioria das vezes estudavam em escolas públicas, faziam parte do movimento negro, moravam nas periferias e não se sentiam inseridos na sociedade, sentiam-se de alguma forma excluídos e sem portar os privilégios dos mais ricos. Eu nunca simpatizei com a Universidade e seu sistema Eurocêntrico e branco, pelo menos nas Artes Visuais. Pensei em desistir várias vezes, mas algo me manteve trilhando essa rota. Conhecer a professora Lisa Minari, por mais que eu não fosse a aluna mais dedicada e responsável, foi muito importante na minha vida acadêmica. Ela com as suas histórias e ideais, conseguiu me convencer de que algo importante poderia ser feito dentro da educação. Além do mais, Lisa morou um bom tempo na Índia e participa de projetos sociais envolvendo pessoas que moram nas ruas. E foi ela quem me indicou o estágio na Escola Meninos e Meninas do parque. Lá eu percebi que a educação tinha possibilidades de fazer muito mais do que eu poderia imaginar. As pessoas que estudam nessa escola sem dúvidas têm tristezas que eu nunca serei capaz de

acessar. Mas elas não vão pagar uma terapia holística e raramente terão a possibilidade de se curar pelas medicinas que estudei ou praticarão Yoga. Elas seguem na fé, na garra e na luta constante para sobreviver. E eu queria conhecê-las melhor. Foi de extrema importância para mim ver que elas tinham um lugar dentro desta sociedade, ainda que este espaço fosse mínimo.

Minha busca não se realizaria, se eu apenas olhasse para parte privilegiada do sistema. Conhecer a professora Cláudia, que dá aulas de Artes para esses alunos, também foi inspirador, ela dedica sua vida á isso e me ensinou muito, ela vai além do papel de simples professora e também se tornou uma amiga para aqueles que estão ali. Quanto a eles então, não se pode imaginar, vidas que não se parecem nada com a minha. Ministrando essa oficina foi compreender nem que seja um pouco das suas histórias e como isso se entrelaça tanto com a minha atuação no campo da licenciatura em Artes quanto com a minha própria história de vida.



Figura 1- Mariana Alves Lopes. Arte em mim.

Capítulo 2 – Fernando

Meu companheiro de ideias Fernando, foi quem mais me auxiliou nos últimos semestres de conclusão de curso. Nos conhecemos nas aulas de estágio da professora Lisa e possuímos muita sintonia de pensamentos. Nos reencontramos na reunião de orientação do TCC e ao expormos a nossa ideia para o grupo, vimos que nós dois tínhamos uma proposta muito parecida. Unimos a minha vontade de fazer um memorial, com a sua proposta de fazer a oficina e juntos demos essa aula na Escola Meninos e Meninas do parque, embora toda a parte escrita do nosso trabalho de conclusão tenha sido feita individualmente.



Figura 2 - A sensibilidade do Fernando.

Fernando é sensível e bastante receptivo. Pude aprender bastante com ele e com as suas propostas. Desenvolver essa aula em dupla foi muito enriquecedor, pois a todo instante somamos as nossas criações.

Além disso, Fernando fez dois estágios na Escola do Parque, então ele pôde se aprofundar mais no seu contato com a escola, com a professora Cláudia e com os alunos auxiliando muito no desenvolvimento do nosso propósito. No dia que chegamos para fazer a oficina ele foi muito bem recebido pela Keli e pelo Ricardo, que já o conheciam. E logo no primeiro momento tivemos a oportunidade de ouvir os depoimentos desses dois alunos por uma vontade espontânea dos dois. Keli estava muito feliz coma feira de ciências que tinha participado e nos contou sobre a sua casa e sobre a sua vontade de participar do grupo de conselheiros da escola.

Capítulo 3 - A Escola

A Escola Meninos e Meninas do Parque, fundada em 1992, tem como principal finalidade educar e auxiliar jovens e adultos em situação de rua ou que moram em abrigos do Distrito Federal e os inserir no mercado de trabalho, melhorando as suas condições de vida. O currículo da secretaria de educação é respeitado e eles possuem uma rotina, porém são mais flexíveis na sua maneira de ensinar, respeitando o ritmo dos estudantes que muitas vezes pela sua situação, sofrem muitas dificuldades, precisando de mais tempo e atenção. Os professores querem que os alunos permaneçam frequentando à escola e por isso usam na sua metodologia o amor, a paciência e o afeto.

A escola fica no parque da cidade, no estacionamento 6, local amplo e sem muros para que todos se sintam bem-vindos e livres. A escola possui uma horta próxima a entrada, com os nomes das plantas bem verde e organizada, são os alunos que ajudam para que ela permaneça viva. A escola Possui também uma cozinha, sala com jogos e sala para descanso bem como banheiros para banho e espaço externo.

Para se matricular na escola o indivíduo precisa ir até lá e marcar uma entrevista, a questão da documentação é facilitada para que o jovem ou o adulto entre da maneira mais simples possível. Existe um controle de frequência e desempenho semanal dos alunos.

Lá os estudantes chegam mais cedo, antes de começar a aula, para que possam fazer uma refeição, já que em alguns casos as refeições oferecidas pela escola são as únicas feitas por alguns deles. Neste momento eles também tem um tempo e um espaço para tomarem um banho, trocarem a roupa e outras possibilidades de higiene, já que na rua, nem sempre isso é possível.

Existem dois projetos na escola: a Educação de Jovens e Adultos e a Correção de Idade e Série e ela é composta por professores da secretaria de educação. Pela manhã são os jovens que frequentam as aulas, os alunos mais novos que muitas vezes vem dos abrigos do DF e do entorno. Já pela tarde são os adultos, moradores de rua, que contam com um transporte que busca eles na rodoviária.



Figura 3 - A escola Meninos e Meninas do Parque.

Capítulo 4 - A Sala de Artes

Na Escola existem salas diferentes para cada matéria, não é o professor que troca de sala e sim os alunos que mudam de acordo com a matéria que está no seu horário.

A sala de Artes possui algumas mesas redondas onde se sentam grupos de pessoas, em média 3 ou 4 por mesa e algumas mesas individuais. Possui também um quadro para que a professora possa escrever e ensinar e uma bancada grande com vários materiais de artes, como tintas, pincéis, lápis de colorir, canetas coloridas, papéis grandes e pequenos, ao lado um tanque para limpeza dos materiais e das mãos. As paredes são enfeitadas e decoradas com os trabalhos feitos pelos alunos, e os cantos da sala possuem trabalhos com uma estrutura mais sólida como maquetes e objetos feitos com materiais de Arte.

Também vemos revistas e colagens fazendo referência a artistas e suas obras. A mesa da professora Cláudia está sempre com trabalhos dos alunos, eles produzem bastante e ela os organiza por turma.



Figura 5 - A sala de Artes. Oficina.



Figura 4 - A sala de Artes. Projeto.

Capítulo 5 - A Professora

Cláudia, formada em licenciatura em Artes Visuais, é receptiva e tranquila. Desde o primeiro momento em que tive algum contato com ela, pude perceber como ela é atenta as pessoas que estão ao seu redor. Ministra aulas na escola do parque desde 2005. Ela nos mostrou alguns trabalhos que ela realiza em sala de aula quando sente a necessidade de conhecer melhor sobre determinados alunos. Contou sobre a prática regular de pedir para que eles desenhassem uma máscara e que nela, expressassem com cores e formas o que eles estavam sentindo ou buscando. Ao receber o trabalho pronto ela conversava com cada um, falando a respeito dos sentimentos dela ao redor das suas percepções. Ela nos falou que isso faz com que os alunos se sintam mais acolhidos e respeitados pelo o que são. Assim fica mais fácil de manter um ambiente harmonioso na sala de aula, onde todos a levam à sério sem que ela precise se alterar ou se preocupar.



Figura 6 - Retratos dos alunos de Cláudia.

Outro relato interessante da professora, foi sobre a dificuldade que ela teve com um aluno novo. Ela comentou que ele fazia bagunça na sala, sempre contando piadas e não permitindo que ela prosseguisse com a sua aula. Ele desmerecia a disciplina de artes. Atenta a situação, Cláudia resolveu se aproximar deste aluno, perguntando para ele aonde ele vivia e como eram os seus dias. Se abrindo para ela, ele contou que morava numa casa simples no alto de uma

árvore que ele mesmo havia construído. Contou também que tinha uma bicicleta velha com a qual ele fazia um grande percurso pelo plano piloto, para juntar coisas necessárias e conseguir algum dinheiro. Para trazer Salestiano para mais perto de si e deixá-lo mais integrado com a turma, Cláudia abordou a sua situação como um dos temas da feira de ciências. Todos os alunos trabalharam para construir uma obra de arte que mostrava a casa de Salestiano em cima de uma árvore, utilizaram uma caixa de sapato, tintas e isopor. Além disso ela conseguiu a doação de uma bicicleta antiga, e nela montou uma roda expondo a Op art associando assim a história de vida de um aluno à um conteúdo de Artes Visuais. Cláudia disse que após isso Salestiano ia contente para as suas aulas, se mantendo silencioso e atento.

A professora Cláudia é muito sensível e dedicada aos seus ensinos, tem preocupação verdadeira com os estudantes e diz que fazer associações entre a vida particular de cada um com os conteúdos de sala faz toda a diferença. A turma fica mais unida e atenta à sua voz.

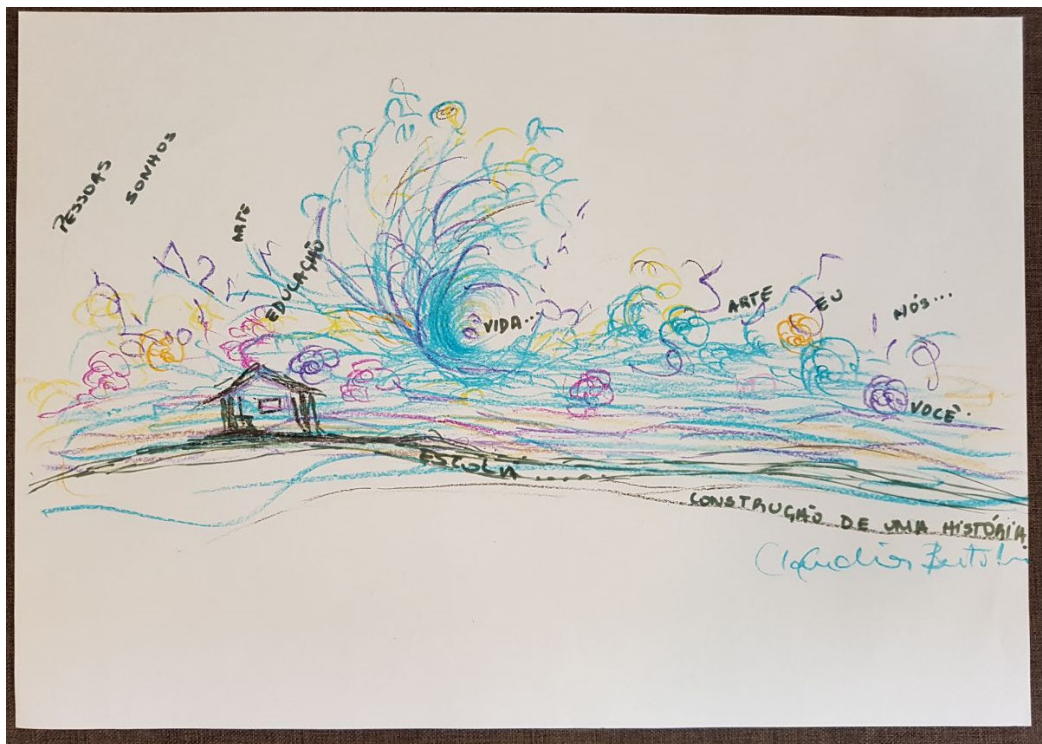


Figura 7 - A turma unida.

Capítulo 6 - Os alunos

Todos os alunos que participaram da nossa oficina estão em situação de rua, exceto a Keli e o Ricardo, um casal que saiu da rua a três meses atrás desde que conseguiram uma casa na Vila Telebrasília com o auxílio do governo. Mesmo assim eles não estão dando conta de sustentar essa casa e nem as suas outras necessidades básicas tão facilmente, todo dia é uma batalha.

Muitos deles saíram de outras regiões do interior do Brasil, deixando sua casa e a sua família e vieram para Brasília buscando crescer e melhorar, outros saíram de casa por questões de vícios, abusos ou conflitos familiares.

Alguns dos alunos conseguem seu dinheiro com a venda da revista Traços, feita justamente para o auxílio de pessoas que estão em situação de rua. Dos cinco reais cobrados por ela, quatro ficam para eles e um real para editora. Outros pedem dinheiro nos sinais ou trabalham como flanelinhas, cuidando ou lavando carros nos estacionamentos. É quase impossível conseguir um emprego fixo, com carteira assinada na situação em que se encontram.

Alguns deles vão para escola mesmo que muitas vezes cheguem muito cansados, até sentindo muita dor de cabeça ou enjoo devido a ressaca ou ao uso de alguma substância. Seguem determinados porque para eles a escola os ajuda muito. Aprender é de alguma forma libertar-se, estar na escola significa para eles sair da posição de invisibilidade em que se encontram, que a sociedade os coloca. E por é isso que quando são escutados, tendo a oportunidade de colocar e compartilhar as suas histórias e opiniões se sentem tão bem.

É uma forma de se sentirem pertencentes ao mundo, podendo assim se reconhecerem como merecedores de uma vida melhor. Muitos largam seus vícios e se tornam mais conscientes de si mesmos pela possibilidade do estudo, do afeto e da expansão dos limites que a vida impôs. Na escola eles podem dizer seus sentimentos e sua vida sem que ninguém os diminua, ignore ou julgue. Assim fica mais fácil aprender e se interessar pelos estudos.

Capítulo 7 - A oficina

Com base em artistas conhecidos que usam seus sentimentos, sua história ou seu próprio retrato para produzirem uma obra de Arte, como Van Gogh e Frida Kahlo, eu e Fernando, ministramos uma aula com o foco nas histórias de vida. A artista Frida Kahlo foi selecionada por nós, em primeiro lugar, porque ela expõe em suas obras as suas memórias, suas dores e as partes despedaçadas de sua vida. Na escola também lidamos com pessoas as quais tiveram a sua vida de alguma forma despedaçada. Sabíamos também da proximidade dos estudantes com a artista porque a professora Cláudia havia levado a turma para exposição da Frida que teve em Brasília e todos eles ficaram muito animados com essa artista.



Figura 9 - Autorretrato com a Orelha Cortada

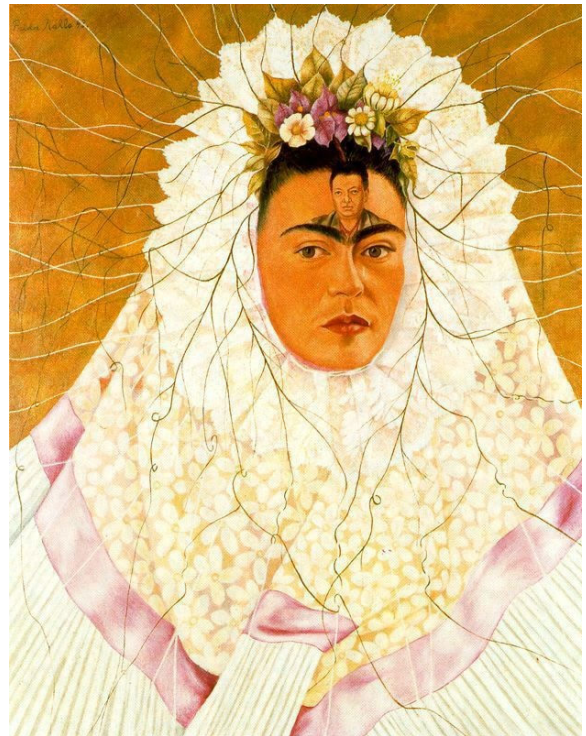


Figura 8 - Diego en mi pensamiento (1943) / Banco de Mexico Diego Rivera. Frida Kahlo Museums.

O Van Gogh, foi selecionado, também pelo seu autorretrato, e porque a poucos dias atrás a professora Cláudia havia dado uma aula sobre ele. A sua história e sua forma introspectiva, dentro da arte cabia muito no propósito da nossa aula. Também utilizamos a obra em que ele expõe o seu quarto e explicamos que falar sobre si, também poderia dizer respeito ao ambiente em que vivemos. Muitos dos estudantes falavam muito sobre os seus sonhos e como desejavam

que a sua vida fosse, principalmente sobre o desejo de terem uma casa para morar e um emprego fixo.



Figura 10 - Quarto em Arles (1888). Vincent van Gogh.

Trabalhar com memórias e histórias, é dar espaço para que os alunos conheçam a si mesmos e se reconheçam também no grupo. Utilizamos a sensibilidade e a receptividade como estratégias principais. Os alunos podem trazer consciência para si, podendo assim encontrar possibilidades para alterar a realidade em que se encontram, saindo da sua posição de opressão para então atuar no mundo onde vivem. (FREIRE, paulo)

Quanto mais analisamos as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis, parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de se serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras. Narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto... Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação dessa educação... Nela, o educador “enche” os educandos com os conteúdos de sua narração... A palavra, nessas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em verbosidade alienada e alienante.” (FREIRE, Paulo . Pedagogia do Oprimido .Pg. 80 e 81)

A oficina teve como proposta abandonar essa aula onde a narração e autoridade do professor se encontram em primeiro plano, abrindo espaço para que os alunos também

trouxessem as suas palavras e a sua participação para aula, fazendo com que a realidade em que vivem também pudesse acrescentar valores e conhecimentos a aula.

Trazer a realidade que os educandos vivem para dentro da sala de aula, é trazer a sua experiência existencial para algo tão importante que é a educação escolar. Além de aumentar o interesse do aluno, tudo começa a fazer mais sentido. A gente se desloca de uma posição autoritária, onde os alunos recebem sua formação de maneira praticamente imposta, para um método mais democrático. (DEWEY, 1967, pp. 14-15)

O Fernando também trouxe a presença do Renato Russo para essa vivência, um livro com memórias e biografia, alguns rascunhos, poesias, pensamentos e lembranças, assim todos puderam observar a importância da memória e da história de vida no processo de criatividade e produção artística. Para os alunos foi muito interessante o Renato Russo, por ele ser um artista de Brasília que todos conheciam e se interessaram. Expomos algumas das obras destes artistas e falamos um pouco sobre eles e as suas vidas. Então mostramos como a vida pessoal deles estava entrelaçada com as suas produções. Em seguida, passamos uma atividade para os alunos, para que com os materiais que levamos: papel, lápis de cor, canetas, cola, tinta e revistas, eles fizessem um relato de como estavam se sentindo naquele momento, ou então, que contassem por um meio artístico a história da vida deles. Assim além de eles terem a possibilidade de trabalhar as suas próprias identidades e questões existenciais, também puderam compartilhar, contando para o grupo, seus devaneios e sentimentos ao mesmo tempo que expressavam isso de maneira artística.

Trabalhar as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida. Às constatações que questionam a representação convencional de uma identidade, que se poderia definir num dado momento graças à sua estabilidade conquistada, e que se desconstruía pelo jogo dos deslocamentos sociais, pela evolução dos valores de referência e das referências socioculturais, junta-se a tomada de consciência de que a questão da identidade deve ser concebida como processo permanente de identificação ou de diferenciação, de definição de si mesmo, através da nossa identidade evolutiva, um dos sinais emergentes de fatores socioculturais visíveis da existencialidade. É por essa razão que essas identidades num constante vir-a-ser, manifestação de nossas existencialidades em movimento, são em certos períodos históricos mais fortemente atingidas pelos efeitos desestruturadores de mudanças sociais, econômicas e/ou políticas. (JOSSO, 2007, p.415)

Em um primeiro momento após concluirmos como funcionaria a atividade, um dos alunos expôs que não estava se sentindo muito bem. Disse que se sentia confuso, estava passando por um período turbulento na vida e por isso não seria capaz de produzir nada. Dissemos que ele estava no caminho certo, que poderia expressar essa confusão no papel mesmo que não desenhasse de maneira realista. Ele se sentiu muito à vontade e começou a sua obra.

Enquanto os alunos se concentravam nos seus trabalhos, eu e o Fernando falamos um pouco sobre a nossa história e pedimos para que aqueles que se sentissem à vontade também falassem um pouco sobre as suas. Muitos se envolveram com a aula e aos poucos foram contando seus relatos ao mesmo tempo que nos perguntavam sobre os nossos estudos e o que faríamos com a nossa graduação.

Foi ótimo perceber como todos estavam envolvidos com a oficina, ela parecia fazer muito sentido para eles, já que grande parte deles realmente se conectou muito com as próprias memórias e histórias vividas. A maioria se sentiu à vontade e interessada em falar sobre a sua rotina diária, às vezes se emocionavam ao lembrarem de partes antigas das suas histórias e nos contavam sobre como as coisas estavam melhores apesar de ainda poderem melhorar muito.

A colocação em comum de questões, preocupações e inquietações, explicitadas graças ao trabalho individual e coletivo sobre a narração de cada participante, permite que as pessoas em formação saiam do isolamento e comecem a refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedades que estão por descobrir ou inventar. As crenças de cada um e de cada uma sobre as potencialidades do humano desempenham aqui um papel maior. E será facilmente compreensível a importância de trabalhá-las explicitamente se pretendemos contribuir para mudanças sérias no fazer e no pensar de nossa humanidade. (JOSSO,2007, p.415)



Figura 11 - Fazendo arte.

Muitos dos estudantes compartilharam questões pessoais relacionadas a vícios, contando sobre suas próprias experiências e traumas e como isso pode ser prejudicial e existiu um momento em que todos concordaram que ser viciado em alguma substância é uma das piores coisas que podem acontecer, principalmente para quem se encontra em situação de rua. Alguns ainda possuem muita dificuldade em relação a isso, outros já se sentem libertos. Mas este é um debate que de alguma forma, coloca todo o grupo para refletir. Essa reflexão muitas vezes causa mudanças que podem ser levadas aos poucos para a sociedade.

Na Escola Meninos e Meninas do parque muitos dos conceitos democráticos ou da escola progressiva de John Dewey, parecem ser acolhidos. Não existe tanta autoridade nas aulas, existe criatividade e um grande envolvimento por parte dos alunos nas atividades. Nas aulas de Artes sempre existe um meio de trazer para dentro do conteúdo algo que faça parte das experiências vividas pelos estudantes, como sugere Paulo Freyre no seu livro *Pedagogia do Oprimido* e outras obras. As aulas não se baseiam apenas em narrativas, ou dissertações, onde os alunos simplesmente escutam e acolhem o que foi dito, sem questionamento. A oficina que fizemos teve o intuito básico de compreender como o afeto e a utilização de memórias e experiências de vida estão interligados e além disso, verificar a importância destes fatores na Arte educação.

Compreender a história do ensino de arte fazendo histórias de vida é tornar-se cúmplice de si mesmo e cúmplice daqueles que constroem narrativas, fazeres e saberes. As vozes se misturam e se coletivizam. Tornam-se autoras, testemunhas e audiência de cenas e atos que descrevem, particularizam, relacionam e expressam subjetividades, sensibilidades e racionalidades. Os alunos não são meros ouvintes – se é que o ato de ouvir pode, em algum sentido, ser apenas passivo, comum ou vulgar. A escuta é ativa e ouvir pressupõe uma relação dialógica que implica intercâmbio de papéis. Nesta relação, “a situação concreta comporta uma ética de responsabilidade” e “a ética não é fonte de valores, mas uma forma de relacionar-se com eles” (Zavala, 1996)

Relacionar-se com os alunos e estar aberto para eles é apoiar o seu processo criativo e a sua individualidade, a singularidade das suas experiências e memórias. Dentro dessa subjetividade existe todo um processo criativo, que ao ser compartilhado pode agregar conhecimento para todos. Assim os estudantes também possuem a sua luz e seus ensinamentos. Toda a sala de aula se torna um ambiente democrático e acontece este intercâmbio de papéis, em que o professor sai da sua posição de autoridade máxima. Principalmente, na escola do parque, onde fizemos a nossa oficina, voltada também para uma questão social, em que pessoas que ainda não tem direito ao básico: como uma casa para morar, o direito um á emprego, nem visibilidade dentro da sociedade.



Figura 12 - A oficina.

Capítulo 8 - Memórias, Histórias e experiências...

Ao mesmo tempo em que a memória é episódica, seletiva e reconstrutiva, também compreendemos que puxar pela memória e narrar acontecimentos a partir de lembranças abrigam um fazer criativo. Isso significa que, ao recontar nossas histórias, não apenas escolhemos episódios e os abordamos de maneira seletiva e reconstrutiva. A força produtiva da memória se manifesta também de forma inventiva, criando narrativas com detalhes que não podem ser necessariamente evidenciados, mas são testemunhos da nossa própria subjetividade. Esta memória criativa coloca em jogo um trânsito entre passado e futuro. e (HERNANDEZ, TOURINHO & MARTINS, 2006, p. 02)

Os relatos dos alunos não aconteceram de maneira aberta para toda a turma. Eu e o Fernando passamos nas mesas e conversamos com cada um respeitando a vontade dos estudantes, enquanto eles estavam concentrados nos seus desenhos e pinturas. Nas mesas em que estavam sentados alguns grupos, aconteceram debates e identificações. Porém cada um tinha a sua maneira única de descrever as suas experiências, de demonstrar as suas sensações e lembranças. Às vezes trazendo expressões próprias de acordo com a sua criatividade, de maneira subjetiva. Contar sobre suas lembranças nem sempre diz respeito a somente descrever fatos. Recordar e expressar as suas memórias, também é um processo de criação e de descoberta de si mesmo, é um acesso a sua própria existência trazendo novas possibilidades de construir a sua história.



Figura 13 - Memórias.

Capítulo 9 – Daniel

Um jovem de 23 anos de idade. Se sentiu muito à vontade de nos contar sobre a sua vida. Ele estava um pouco nervoso, não pela aula, mas por como as coisas andavam confusas na sua vida. Contou que saiu de casa por ter problemas com os pais, era muita briga e confusão, então ele decidiu ir para rua. Morou um tempo em um buraco, disse ele, que tinha muitas plantas e alguns cachorros. Morava sozinho por lá, mas conheceu uma pessoa que se tornou seu companheiro. Trabalhou em hostels pelo plano piloto para conseguir algum dinheiro. Daniel gosta muito de estudar e não suporta vícios, acredita que somente pelos estudos ele conseguirá superar essa fase turbulenta em que sua vida se encontra. No trabalho dele, ele escreveu frases e palavras positivas, coloriu e ficou satisfeito.

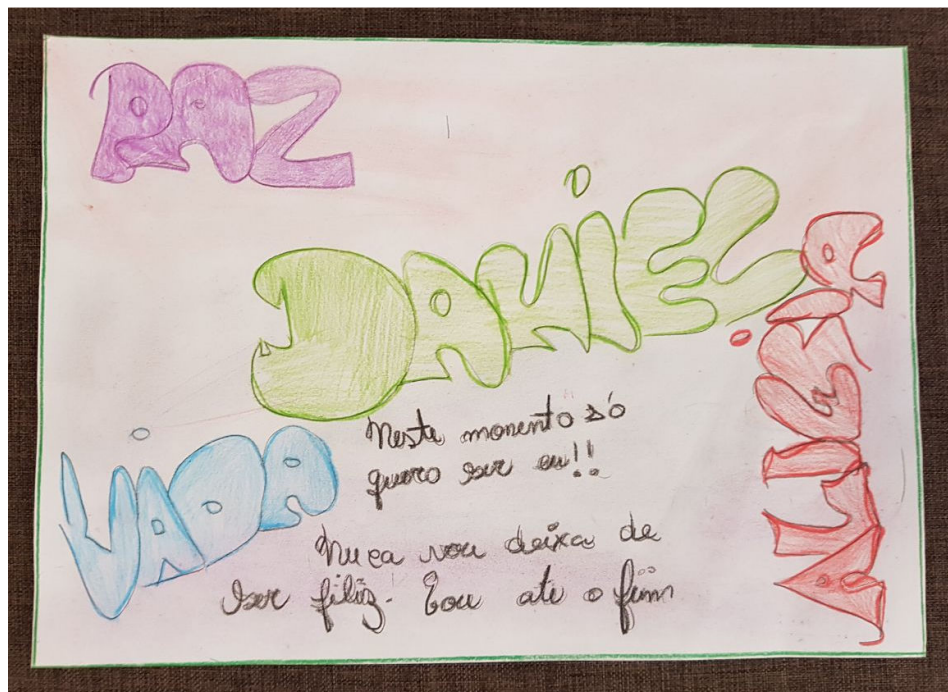


Figura 14 - A paz de Daniel

Capítulo 10 - Damião

Um pouco silencioso embora muito receptivo, se concentrou bastante no desenho que estava fazendo. Damião desenhou uma casa e alguns baldes. Explicou que aquele desenho mostrava o barraco aonde morava e também o seu local de trabalho, ele utiliza os baldes para reciclagem. O desenho dele foi rápido e a professora Cláudia disse que ele poderia fazer com mais capricho e dedicação. Mas Damião respondeu que era assim mesmo, o desenho estava até mais bonito do que o local verdadeiro. Disse que se ela fosse lá ela veria como é feio. Também nos contou que ele mora em um acampamento, existem outros moradores de rua que dividem esse mesmo espaço, apesar de ele morar sozinho no barraco dele. Eles ficam no final da asa norte, mas as vezes precisam mudar de lugar para não ter problemas com a polícia.



Figura 15 - O trabalho e morada de Damião

Capítulo 11 – Keli

Keli nos contou que se perdeu da mãe dela na rodoviária quando tinha por volta de 7 anos. Encontrou algumas crianças que moravam por ali e seguiu a sua vida nas ruas. Começou no mundo das drogas e dos vícios muito cedo, aos 9 anos foi apresentada a cola e logo depois a merla. Disse que essas drogas aumentavam o campo dos sonhos e das ilusões dela. Depois disso quando ficou mais velha se envolveu com um homem que lhe ofereceu o crack. Durante períodos muito ruins da sua vida foi levada a força para clínicas de reabilitação. Hoje Keli não suporta nenhum vício, se libertou de todo o consumo de drogas e junto com o seu companheiro Ricardo, alugam uma casa na vila Telebrasília. Saíram das ruas e das drogas. Ela diz que a escola e o seu companheiro, foram o fator mais importante na vida dela para que ela buscasse um caminho mais feliz. É muito agradecida a professora Cláudia e a Escola Meninos e Meninas do Parque. Ela fala em voz alta nas salas de aula sobre o quanto é importante o estudo e se libertar dos vícios. Se sente muito orgulhosa de ter conseguido se libertar. Nos contou que o trabalho de Artes deles na feira de ciências foi o vencedor, deu entrevista para a televisão e ficou muito feliz. Disse que quer ser cada dia melhor.

Keli e seu companheiro vendem revistas pelo plano piloto, todo dia eles caminham pelas quadras para venderem o máximo que conseguirem e assim tentam manter o seu aluguel e as despesas da casa.



Figura 16 - A nova Keli

Capítulo 12 - Ailton

Ailton não estava se sentindo muito bem no dia da oficina. Disse que tinha bebido muito no dia anterior, sentia dor de cabeça e estava de ressaca. Mas se concentrou no seu desenho e na aula. Ao finalizar, perguntei para Ailton se ele estava tão alegre quanto o desenho que ele havia feito mostrava. Ele me disse que não, que estava vivendo uma situação muito difícil e que já estava a muito tempo nas ruas, procurava um emprego, mas ninguém contratava um morador de rua para trabalhar. Ailton saiu da sua cidade, no interior do Nordeste, juntou um dinheiro, deixou sua família e seu lar, pegando um ônibus e vindo para Brasília pois disseram para ele que aqui seria mais fácil de conseguir uma vida boa. Ailton disse que no início até deu certo, conseguiu um emprego e fez uma boa economia, porém por falta de juízo acabou perdendo tudo gastando com bebidas e na “zona”. Várias situações ruins já aconteceram com ele por aqui. Ailton disse que espíritos ruins já tentaram tomar conta do seu corpo mais de uma vez, quando ele exagera no álcool, além de ficar muito agressivo e fora de si, contou que já aconteceu desse espírito maligno tentar tirar a própria vida dele. Ele diz não se perdoar, seu maior sonho é ter uma casa aonde morar, ter um emprego e uma vida digna. Diz que está mais maduro agora e que aprendeu muito com toda essa situação em sua vida. Mas disse também que na rua não é fácil, é preciso estar atento, ao beber demais já perdeu a consciência e caiu no chão. Os próprios moradores de rua, já o deixaram sem nada, “se você não for esperto eles roubam até as meias dos seus pés”, diz ele. Para Ailton qualquer vício é uma fraqueza, o pequeno pode se tornar grande e quando você menos espera você usa todo o pouco dinheiro que conseguiu para sustentar seu vício.

Ele foi para escola estudar por não querer continuar na situação em que se encontra. Diz que na escola ele aprende muitas coisas e se sente mais perto de ser uma pessoa melhor.



Figura 17 - "Qualquer vício é uma fraqueza." (Ailton)

Capítulo 13 - Isaiás

Isaiás, um dos alunos mais velhos da sala, permaneceu muito silencioso durante a oficina. Não conversou muito comigo e quando eu perguntei sobre sua história, ele disse apenas que entendia muito de plantas, árvores e sementes, também veio do interior para buscar em Brasília uma vida melhor. Fez o desenho de uma árvore muito grande, e me disse que era uma árvore forte que lembrava a sua casa.



Figura 18 - A árvore de Isaiás

Capítulo 14 - Ricardo

Ricardo, o companheiro da Keli, também é mais silencioso. Me contou que todos os dias ele caminha por toda a Asa Norte para vender a revista Traços. Fez um desenho de todo o seu percurso, desenhou uma parte das quadras e a sua casa. Me disse que se sente muito feliz por estar na escola, desde que estuda lá, muitas coisas mudaram. É um aluno dedicado e trata os professores muito bem. Está bem focado para sustentar a casa que mora agora, também a sua alimentação e da sua companheira. Ricardo não faz uso de drogas, não possui vícios e foi ele quem auxiliou Keli a se libertar dos seus.



Figura 19 - Percurso do Ricardo.

Capítulo 15 - Salestiano

Salestiano foi simpático e receptivo, ria muito e quando, Damião, o colega que estava na sua frente, falava das tristezas da vida, ele fazia alguma piada, ou contava algo bom. Isso deixava Damião um pouco irritado, já que ele parecia muito focado naquelas coisas que o desagradavam, falou que se sentia muito triste quando falava de assuntos sérios e alguns moleques o desrespeitavam com piadas, ou tirando sarro da cara dele. Apesar disso, Salestiano me disse que a vida dele não era nada fácil, mas que se fosse ficar pensando nisso o tempo todo, com queixas e angústias, não teria como aproveitar as coisas boas. Disse que gostava muito de flores, mas não quis contar nada sobre a sua história para mim, se sentiu mais à vontade com Fernando para se abrir. Sorrindo muito fez seu desenho, mostrando o local onde dormia. Salestiano morava antes em uma casinha que havia construído em cima de uma árvore e saía de bicicleta para vender a revista, hoje mora no parque da Ceilândia, onde se sente bem, lá tem muitas flores e tem uma caixa d'água que marca presença.



Figura 20 - A caixa d'água de Salestiano.

Capítulo 16 - Fernando

O aluno Fernando tem um sonho, por isso desenhou uma casa, em que gostaria de estar morando com a sua família. Onde pudesse descansar tranquilo na rede, nas sombras das árvores.



Figura 21 - O descanso de Fernando.

Considerações finais

Todos os alunos que estavam na sala participaram da proposta. Alguns mais reservados enquanto outros falavam bastante. Mas todos eles fizeram o seu desenho e contaram a sua história. Pude perceber que eles gostavam de ser escutados, de contar as suas sensações e muitas vezes faziam análises de si mesmos ao mesmo tempo que conversavam. Alguns dos homens se sentiram mais à vontade com o Fernando, como por exemplo o seu Isaías e o Ricardo. Como o Fernando já havia feito dois estágios na escola existia mais proximidade entre ele e alguns alunos. Foi agradável perceber também, a afetividade dessa aproximação e como isso causava uma maior abertura e receptividade por parte dos estudantes na hora da oficina.

Para mim, mais importante do que dar essa aula, foi aprender com a turma e ouvir. Foi algo que me acrescentou muito, me dando uma visão mais ampla sobre o que é atuar na licenciatura em Artes Visuais. Percebi que como professora muitas coisas podem ser feitas mudadas na sociedade. Tudo o que acontece na sala de aula pode ser levado para além do campo da educação, são aprendizados que levamos para a vida. E estar em uma escola que permanece desempenhando o seu papel ainda que sofra frequentes ameaças de ser fechada, também me mostrou a importância da escola na vida das pessoas. Principalmente pelos depoimentos dos alunos e dos professores.

A parceria com o Fernando foi algo que me auxiliou muito, obtive apoio para continuar o curso e foi extremamente importante encontra-lo na orientação do TCC, por ele ser uma pessoa sensível e aberta. Chegamos com ideias muito parecidas quando começamos a pensar na conclusão do curso e quando a Lisa ouviu, nos permitiu fazer essa oficina juntos, dando força para que tudo saísse ainda mais rico do que se tivéssemos feito sozinhos.

Referências Bibliográficas

HERNÁNDES, Fernando, TOURINHO, Irene, e MARTINS, Raimundo. **Aprender história do ensino de arte através da realização de histórias de vida**. Revista da UFG 2 (2006): p. 110-118.

CHUÍ, Fernando e TIBURI, Márcia. **Diálogo-Desenho**. São Paulo: Editora SENAC. 2010.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Educação, 2007: p. 413-438.

DANTAS, Heloysa; OLIVEIRA, Marta Kohl; LA TAILLE, Yves de Piaget, Vygostsky e Wallon: **Teorias Psicogenéticas em Discussão**. São Paulo: Editora Summus. 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança** - 36 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

RUSSO, Renato. **Só por Hoje e Para Sempre - Diário do Recomeço**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

Ribeiro, Vera Maria Magasão (Coordenação). **Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular - 1º segmento**; — São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001. 239p. 1. **Educação de jovens e adultos**. 2. **Ensino Fundamental**. 3. currículo. CDU - 374(81)

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Ensino Médio. **Parâmetros curriculares nacionais do Ensino Médio**. Brasília: MEC / SEF, 2000.

TAILLE, Yves De La, OLIVEIRA, Marta Kohl, e DANTAS, Heloysa. Piaget, Vygotsky, Wallon: **teorias psicogenéticas em discussão**. 13ª edição. São Paulo: Summus editorial, 1992.

WALLON, Henri. **Os meios, os grupos e a psicogênese da criança**. In: WERBE, M.J.G. & NADEL-BRULFERT, J. Henri Wallon. São Paulo: Ática, 1986.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

ROGERS, Carl R. **Liberdade para aprender**. 3. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Victor Hugo - **Les Miserables**.